



ISSN: 3085-6434

DOI: <https://doi.org/10.71263/fc0qgj88>

Submetido em 12/2025

Aprovado em 01/2026

A TEORIA SOFISTA DO “GÓRGIAS”, DE PLATÃO, E A DIALÉTICA SOCRÁTICA OU A UNIDADE DOS OPOSTOS

Eduardo Portanova Barros¹

Sebastião Francisco de Almeida Filho²

¹ Professor Colaborador do PPG em Filosofia do IFSertão-PE, pesquisador do Grupo de Pesquisa Sertão Filosófico, GEIPaT (Grupo de Estudos de Imaginário, Paisagem e Transculturalidade – UFG/CNPq) e CEAQ (Centre d’Études sur l’Actuel et le Quotidien Université de Paris V-Sorbonne). E-mail: eduardoportanova@hotmail.com. ORCID:0001-5832-5711.

² Professor Permanente do Mestrado Profissional em Filosofia do IFSertãoPE. Orcid: [0000-0002-6222-3790](https://orcid.org/0000-0002-6222-3790)

RESUMO: Este artigo procura ultrapassar a dicotomia entre a filosofia de viés relativista professada pelos sofistas e a maiêutica socrática de cunho dialético por meio da análise de um dos livros da fase da “maturidade” ou de transição, de Platão, que é “Górgias”. O tema se justifica pelo fato de que, nessa obra, Platão estimula o debate entre o próprio Górgias e o “mais sábio dos homens”, de acordo com o oráculo de Delfos, que fora Sócrates. Apesar de duas visões dicotômicas, a saber, a Retórica e a Episteme, ou seja, o “elenkos” socrático, que é a exposição da ignorância de seus interlocutores, consideramos ambas dependentes uma da outra, o que, se também seguíssemos um viés filosófico, se aproximaria daquilo que Heráclito de Éfeso denominara “unidade dos opostos”.

PALAVRAS-CHAVE: Górgias, Platão, Sócrates, Sofistas, Filosofia grega.

INTRODUÇÃO

Partimos de uma análise, aqui, da relação entre a filosofia sofista, de cunho circular, e o ideal ascético socrático de procura da Verdade por meio da argumentação dialética. Trata-se de um longo debate acadêmico sobre as origens do relativismo. Se para “Górgias”, em Platão (427-347 a.C.), não existe um Uno, porque é improvável que se consiga estabelecer o que se “é”, já para Sócrates (470-399

a.C.), o refutador de Górgias, por meio de sua metodologia maiêutica ou de trazer à luz (como sua mãe que era parceira de ofício), o que nos define é, sim, a Verdade. Para Nietzsche, aliás, Sócrates, utilizando-se desse método dialético, “(...) tira a potência do intelecto do adversário” (2006, p. 20). Sob esse prisma, não seria nenhum absurdo qualificarmos Nietzsche de sofista, ao contrário de Sócrates, dito “esgrimista” (idem) pelo filósofo alemão.

O problema é saber do que se trata a Verdade? Nesse “Górgias”, um diálogo da fase “madura” de Platão, procura apresentar, como seu principal argumento, a “arte” da Retórica, essa de natureza fluida, que se distinguiria de uma dialética clássica e do princípio de não-contradição aristotélico³. Isso significa dizer que a Retórica - praticada por Górgias, neste caso - produziria “uma adesão ao discurso num cenário opinativo”, o que resultaria, e essa é uma crítica de Sócrates aos sofistas, no fato de que, para eles, tudo pode estar certo e ao mesmo tempo errado ou se julgarem possuidores de uma arte que, para Sócrates, não é racional (derivada da Razão). O ponto central, pois, dessa recusa socrática em aceitar a Retórica como sendo arte, de fato, é a distinção, para ele, Sócrates, entre doxa (opinião) e conhecimento (episteme).

³ Isso significa dizer que uma proposição ou sentença não poderia ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo.

Para um argumento, conforme Sócrates, ser considerado válido, aceitável ou científico (poderíamos acrescentar aqui) teria de haver, pois, em primeiro lugar, uma clara distinção entre dois polos: o V e o F. Essa diferença já estabelecida, de início, entre o que é Verdade (V) e o que é Falso (F), em um contexto argumentativo, é o que se chama dialética. Ou seja, A é A e se A é A esse mesmo A não pode ser não-A. Para a dialética socrática, essa mesma dialética na qual ele, Sócrates, é o Objeto (O) nos diálogos platônicos, como neste “Górgias”, não poderia existir - ao mesmo tempo - A e não-A, como querem os sofistas. O sofista não era um filósofo, propriamente dito, e muito se discute se a arte dessa retórica sofista poderia ser ou não Filosofia (como a entendemos hoje).

Um sofista como Górgias, entre outros que cobravam por seu conhecimento, teria “de” persuadir⁴ - veremos outras características e distinções entre Retórica e Dialética no decorrer desta análise -, para além de suas limitações, e recusar, pois, que exista, para ele, sofista, diferença do ponto de vista dialético, como quer Sócrates, entre doxa (opinião) e conhecimento (episteme). Em tese, a dialética socrática precisa ter um vínculo estreito com a

⁴ Persuasão, para os gregos, é a força do discurso. Em um determinado momento neste “Górgias”, Sócrates pergunta-lhe se o que ele, Górgias, acreditava era de que se estabelecessem duas formas de persuasão, a que infunde crença sem o saber, de um lado, e a que infunde conhecimento, do outro. Górgias responde afirmativamente: “Com certeza” (2016, p. 198).

Verdade; ou seja, não pode existir um argumento válido resultante apenas de um viés opinativo baseado só em uma crença sem fundamento racional e/ou investigativo, ao contrário do sofista, o qual, por sua vez, transforma o mundo num estado de aparências sobre todo e qualquer discurso, já que qualquer coisa parece servir ao discurso sofista. Para ele, sofista, nada é.

A RETÓRICA

Outro ponto já mencionado acima, mas sobre o qual parece ser necessário nos debruçarmos, ainda, é que, como vimos, a Retórica seria a arte de produzir opiniões por meio de discursos. E produzir discursos, para os sofistas, é o mesmo que persuadir. Para Sócrates, porém, objetando a retórica de Górgias, o conhecimento é de natureza epistêmica. Doxa e episteme, de acordo com Sócrates, são coisas distintas, isso porque a episteme procura - em se tratando do conhecimento - a revelação da Verdade. A Retórica, por outro lado, jamais poderia ser um tipo de fundamento racional de qualquer argumentação, uma vez que, nas palavras dele, Sócrates, “carece de Razão”. Para Nietzsche, porém, a razão socrática foi contrária à natureza instintiva da arte grega, de natureza antes trágica (inconstrutável) do que dramática (resolutiva).

A Retórica, para Sócrates, pois, não seria capaz de produzir episteme, em suma. Produzir episteme ou conhecimento, pelo viés dialético, é uma das principais justificativas de Sócrates para admitir que um argumento seja considerado válido ou aceitável. Sócrates vai ainda mais longe, e observa que existem dois tipos de persuasão. Uma, concernente à ciência. Outra, baseada na mera crença (opinião ou doxa). A consequência (455c-d) é que o modo de persuasão retórico teria por base a mera crença. Lembremos, antes, que, para Górgias, a finalidade precípua da retórica é a persuasão e que ele, Górgias, se apresenta como entendido nessa “arte” da Retórica. Para Sócrates, porém, Retórica não é arte, porque estaria ligada tão somente às percepções, que seriam falhas.

Mas não é só isso. Ele, Górgias, também se julga capaz de formar oradores. Mas, para Sócrates, a Retórica não se caracterizaria por ser arte de qualquer espécie. Sócrates critica a Retórica sofística, também em “Teeteto” - que trata da distinção entre os juízos - , por não ter noção dos meios a que recorre ou saber explicar a causa de todos eles. É na introdução do “Teeteto” (a partir de 149c), portanto, que também podemos verificar um modo de proceder dialético com a chamada maiêutica socrática, ou seja, a arte das parteiras - como era a “profissão” da própria mãe de Sócrates - e daí sua analogia - de “trazer à luz” o conhecimento ou a Razão. Sócrates vai objetar que a episteme

“mantém um vínculo intrínseco com a Verdade”, ao passo que a opinião serve para todo e qualquer assunto.

A arte de argumentação maiêutica, em outros termos, era uma maneira de avaliar a legitimidade do que fora tratado, concebido, transformando o diálogo num momento de investigação. Adendo: os sofistas tinham a pretensão de saber, por isso, para eles, o mundo é o modo como esse mesmo mundo aparece para o ser. O ser para os sofistas, em última análise, passaria a ter vários sentidos. Portanto, o sofista tem de negar o princípio da não-contradição. A Retórica, pois, não seria capaz de produzir episteme, porque não regularia a capacidade de seu discurso em revelar o ser, persuadindo na mera opinião, conforme o viés dialético. Logo, segundo Sócrates, como também destacamos ao fazermos a distinção entre Retórica e Dialética, não se poderia persuadir aquele que sabe, isto é, aquele que tem o conhecimento.

A PERSUASÃO

Do ponto de vista de Górgias, deveria ele aceitar, passivamente, digamos, a conclusão de Sócrates? Ou seja, Górgias não poderia, dentro dos critérios dele, Górgias, recusar as distinções socráticas de cunho dialético, distinções essas já expostas acima? Talvez, mas não o faz. Basta que recusasse, simplesmente, a diferença ou distinção entre episteme versus doxa. Porém, a Retórica, em si, com

suas características relativistas de que “nada é” ou “tudo vale” (a exemplo do filósofo da ciência Paul Feyerabend, um dos expoentes do relativismo científico como em “Adeus à Razão”), não se interessaria, talvez, nem na “defesa” de suas “recusas” da episteme socrática, digamos, porque, sendo opinativa ou mesmo retórica, não revelaria o ser ou a Verdade, seguindo - e vimos que só persuadir é o objetivo da Retórica - na mera opinião.

Górgias poderia recusar Sócrates com o argumento, ainda, de que seria impossível conhecer o ser porque haveria um descompasso entre sentir e pensar, o que tornaria impossível qualquer dizer a seu respeito, ou seja: mesmo se o ser “é”, ele seria incognoscível (até incomunicável). Para Górgias, a relatividade da experiência perceptiva tornaria impossível qualquer dizer a seu respeito. Objetiva e hipoteticamente falando, Górgias poderia até responder, no diálogo com Sócrates, o seguinte: “Pode-se pensar o ser tanto no que ele é quanto no que ele não é, ou seja, não haveria como distinguir um e outro, quer dizer, não seria possível conhecer o ser porque ele pode ser tanto verdadeiro quanto falso”. Conforme Górgias, caso ele recusasse a distinção socrática, diria que não se pode ater-se à Verdade.

E se não podemos nos ater à Verdade é porque, segundo Górgias e os relativistas, teríamos só opiniões sobre as coisas, por isso o caminho seria o da persuasão. Platão,

nos trechos mencionados (454c-455a), através de seus diálogos socráticos, trata, pois, da “arte” da Retórica, da episteme (V ou F) e da persuasão em Górgias, isto é, o fato de que cada “logos” seria, para os sofistas, um pronunciar subjetivo. Dito de outra forma, o questionamento se daria, então, “se”, nesse caso, a persuasão fosse o único parâmetro para engendrar uma realidade (percepção), considerando a ausência no relativismo de critério epistêmico (como queria Sócrates) da estratégia discursiva sofística (termo, aliás, que deriva de “sofia”, a sabedoria). A Retórica dos tribunais, mas não vamos especificar aqui, seria, pois, uma crença a respeito do justo e do injusto. Para Héraclito de Éfeso, a dialética é um todo. Isto é, um antagonismo complementar das suas polaridades.

Além disso, a Retórica não revelaria verdades ou produziria conhecimento, mas antes seria um mecanismo casual de produção da crença, sem produzir a Razão. Sócrates refuta tanto em Górgias como em outros diálogos (como na introdução de “Teeteto”) a pretensão do sofista em se apresentar como possuidor de uma ciência universal. Podemos considerar, por outro lado, que a omissão de Górgias em recusar Sócrates se explique, também, aqui como hipótese, naturalmente, por uma natureza sofística que não teria a pretensão de revelar – a partir de recusas – “verdades” contrárias, procurando não inverter os papéis e passar a ser o Objeto de Sócrates, sendo ele, Górgias, relativista. Ora, se fôssemos relativistas não poderíamos,

como sofistas, nos recusar a recusar? Mas igual haveria uma recusa. E ficaríamos girando em círculos.

O TODO E AS PARTES

Se aparecer e ser são a mesma coisa, portanto, para eles, sofistas, não faria sentido pretender que a Razão exterminasse o juízo do falso, já que “meu juízo” e “minha” percepção são uma e só coisa. Pergunto eu se, voltando à questão sobre a recusa de Górgias em objetar Sócrates, se ela não seria contrária à própria natureza sofística opinativa. Para Sócrates, porém, existiriam coisas que não seriam envolvidas pela sensação, como o fato de percebermos, por exemplo, “um som” e não “dois sons”. Outro exemplo: tátil é percepção do tato, mas não da audição. Daí que Sócrates insiste no fato de que a Retórica seria incompatível com a ciência por se tratar de um instrumento de argumentação sofista – portanto limitado – do conhecimento de um TODO sobre as partes.

Para existir conhecimento verdadeiro, conforme Sócrates, esse conhecimento deveria mostrar o ser, e isso de acordo com os critérios de adequação material para qualquer caracterização da natureza do conhecimento, em “Teeteto” (Platão). Questionam-se, aqui, e na Retórica, as doutrinas tanto protagóricas - como o homem sendo a medida de todas as coisas - quanto heraclitianas -, como sendo um fluxo em permanente mudança. Ou seja, a cada

momento de contato, varia eu. Isso se daria conforme as circunstâncias de julgamento do sujeito. Se o padrão mudasse, eu não estaria mais disposto a dizer o mesmo. “Não posso tomar banho duas vezes no mesmo rio” (Heráclito). Portanto, a dialética distingue o V do F, mas a Retórica, por seu lado, intervém nos sistemas de aparências.

Sócrates, em suma, faz com a chamada maiêutica uma espécie de “parto do conhecimento” e, para ele, Sócrates, os sofistas, como Górgias, ignoram, simplesmente, o que seja esse conhecimento. Um argumento verdadeiro, para Sócrates, diz respeito às diferenças e, considerando assim, terá de ser, necessariamente dialético, como salientamos anteriormente. A conclusão de Sócrates, que Górgias não rejeita diretamente, mas que poderia fazê-lo se insistisse na “recusa” sofística de estabelecer a Verdade, é a de que “conhecimento é a opinião certa aliada ao reconhecimento da diferença”. A diferença, pois, entre V e F é o que justificaria, também, posteriormente, a noção de validade da Lógica, a de um Sujeito (S) e de um Predicado (P), mas que não se trata aqui de estendermos.

O que precisamos, ainda, deixar claro é o fato de que, de acordo com Sócrates, um filósofo que se debruçava, essencialmente, na natureza humana, a Razão é que determina nossas ações. Ou seja, o que fazemos sem crença não são ações humanas. O termo crença, nesse contexto, tem relação com a ideia de conhecimento, no sentido de que os homens sábios e sensatos, na filosofia socrática,

são os que evitam o mal. Surge daí um novo problema, da mesma forma que já havíamos mencionado antes em relação ao conceito de Verdade, a saber: o que é o mal? Sócrates, conforme relatos de seu discípulo que foi Platão, acreditava que poderia estimular o debate em direção à Verdade por meio da exposição da ignorância em seus interlocutores e que é conhecida pelo termo grego “elenkos” (do grego refutar). Trata-se, portanto, do “elenkos socrático”.

A APOLOGIA

Sócrates propunha uma espécie de tomada de consciência de seus interlocutores, alguns deles mais, outros menos receptivos, por engajamento, isso pelo fato de que, para ele, não seria possível o ensinamento da excelência ou virtude (“aretê”), ao contrário do que pensavam os sofistas. Mas não Sócrates. Para ele, ser mais sábio é saber que não se sabe, o que soa, sem dúvida irônico vindo do “mais sábio dos homens”, segundo o oráculo de Delfos. O conhecimento de Sócrates talvez tenha causado sua “ruína”, porque ele fora, diante de um tribunal popular, condenado à morte, acusado de corromper os jovens, de impiedade (injustiça) e de introduzir novos deuses ou divindades no cotidiano de Atenas. O julgamento de Sócrates aparece em “Apologia”, no qual Sócrates faz sua defesa filosófica contra as acusações, segundo ele, antigas e novas.

A diferença entre os sofistas e a filosofia socrática fica clara no sentido de que a persuasão, em Sócrates, tinha um sentido “eudaimônico”, por assim dizer. Ou melhor: Sócrates tinha por intenção, por meio do engajamento de seus interlocutores em direção ao conhecimento e à Verdade, melhorar suas almas, ou seja, alcançar a “eudaimonia”, viver bem, viver feliz para uma vida bem-sucedida. Percebe-se aqui, nisso corrobora Platão, o interesse da moral sobre o bem alheio ou nas crenças sobre como agir em relação à natureza de cada coisa (“physis”). Esta “Apologia”, ou seja, a defesa de Sócrates sob o ponto de vista de seu espírito filosófico, é um dos diálogos de Platão na sua fase dita da “juventude”. As outras duas são conhecidas como sendo da “maturidade” (“O Banquete” e “A República”) e da “velhice” (“Sofista” e “Leis”).

Como salientamos no início, a tese sofista (a de que nada é) estimulou o que se convencionou chamar de “paradoxos socráticos”, aqueles nos quais Sócrates prefere raciocinar em cima de coisas práticas e humanas e que podem nos orientar, inclusive como método de investigação acadêmica. Parece salutar, antes de uma condenação sumária dos sofistas, principalmente, considerá-los tão relevantes quanto Sócrates, porque deles, sofistas, é que se inicia a filosofia dialética (dialética que não era conhecida, pelo menos nos termos clássicos) dos filósofos pré-socráticos. Mais do que a Verdade, talvez pudéssemos considerar Verdades (no plural). Tanto a Verdade sofista (o que soa

como uma contradição dos termos) quanto uma Verdade socrática. Talvez seja essa a linha heraclitiana, aliás, da unidade dos opositos.

Heráclito de Éfeso (535 a.C-475 a.C.) fez da dialética o sentido de estruturação do mundo por meio do que denominou o “logos”, conforme Kahn (2009). Percebemos na dialética heraclitiana, portanto, uma espécie de conexão inata entre os opositos, sejam quais forem, que resulta na centralidade da noção desse “logos”, ainda complexo no mundo grego pré-socrático. Mais tarde, porém, com a perda de sua riqueza semântica, o “logos” passa a se referir ao racionalismo, a um significado único e à Razão. No entanto, se ficarmos com a noção de “logos” dentro do complexo raciocínio heraclitiano dialético, o “logos” pode dar conta de um princípio organizador ou de um antagonismo complementar na relação discursiva entre a retórica sofista e a episteme socrática.

É dessa relação que se faz o mundo e, portanto, o “logos”. Heráclito, que escreveu uma série de aforismos sobre a noção de “logos”, em “Sobre a natureza” (490 a.C), comenta, no Fragmento 51: “Eles não compreendem como [algo] que difere concorda consigo mesmo: há um vínculo reverso, como o de um arco e uma lira”. Em suma, a tese da unidade dos opositos, com a qual tentamos justificar neste artigo uma relação possível entre os sofistas e a maiêutica socrática, está intrinsecamente associada à noção de “metron” ou medida. Isso quer dizer que para existir uma

unidade entre os opositos, é necessário manter aquela mesma oposição entre as polaridades no contexto de uma medida precisa. De acordo com G. S. Kirk, J. E. Raven e M. Schofield (2010), para ele [Heráclito], o importante era a ideia complementar de medida inerente à mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratamos aqui, resumindo, de uma espécie de tripé entre os sofistas - retomando “Górgias”, de Platão - , o método epistêmico socrático e uma relação entre essas duas polaridades no contexto heraclitiano da unidade dos opositos, a saber: sofistas, de um lado, e Sócrates, de outro. Não se trata, pelo menos âmbito de nossa pesquisa, ainda em fase bastante embrionária, de considerar Sócrates também um sofista, uma tese que talvez merecesse maior atenção por parte de nós, pesquisadores. Talvez não fosse exagero considerarmos toda a história do pensamento ocidental justificada pela ideia de uma dialética, seja ela reversa ou clássica. Alguns autores modernos, como Edgar Morin, por exemplo, é explícito em louvor ao pensamento dialético heraclitiano, isso porque, conforme Morin (2011), foi em Heráclito que ele encontrara, de modo fulgurante, nas palavras dele, contradições insuperáveis e fundamentais do nosso modo humano de existência.

Ainda em relação a este artigo, procuramos, aqui, revisitar, dentro de uma ótica que talvez considerasse a filosofia como ética da interpretação, nos termos de Vattimo (1991), uma forma de compartilhamento não mais baseada em uma Verdade irrefutável, inclusive nos estudos da Filosofia. Desde o relativismo científico - cujos expoentes são já conhecidos - , parece, em muitos campos de estudos, e

não só na Filosofia, mas nela com certeza, que somos obrigados a considerar os filósofos dentro de uma camisa-de-força acadêmica sob risco, caso não sigamos a cartilha, de sermos taxados de hereges e, mais tarde, excomungados. Isso se não formos perseguidos por “cruzados” e terminarmos, ao fim e ao cabo, na explícita fogueira do mundo acadêmico São, no máximo, pontos de vista complexos ou, caso queiram, com algum sentido de emancipação.

Ora, o próprio Aristóteles, em “Arte retórica e poética”, já inicia o primeiro capítulo tratando da “Relação entre a Retórica e a Dialética” e considerando a possibilidade de haver analogia entre ambas as formas de discurso, isso porque, segundo Aristóteles, tratam, tanto uma como a outra, “da competência comum de todos os homens, sem pertencerem ao domínio de uma ciência determinada” (s/d, p. 29). Em outros termos, o que Aristóteles quer dizer é que “todos se empenham, dentro de certos limites, em submeter a exame ou defender uma tese, em apresentar uma defesa ou uma acusação” (idem, p. 29). Finalmente, a Retórica, de acordo com Aristóteles, seria uma parte da Dialética. Talvez não fosse “parte”, mas antes inata à Dialética pelo fato de que não se faz nenhum tipo de discurso no vazio.

Sócrates só se justifica pelo viés discursivo de matiz sofista. Mas não o inverso. Os sofistas nunca pretendaram, pelo menos vemos assim, tomar a iniciativa em refutar Só-

crates. Talvez tenhamos nessa relação dialética entre os sofistas e a episteme socrática uma chance de ampliarmos, ainda mais, discussões em termos hermenêuticos e de uma tolerância argumentativa antes como troca do que dicotomias sustentando que A não pode ser B ao mesmo tempo, como na Lógica clássica excludente de um terceiro na relação dialética entre Tese e Antítese. O paradigma interpretativo nietzschiano fez cair por terra a correspondência do pensamento a uma estrutura estável, mesmo e principalmente nos termos clássicos. Sem falarmos no “Dasein” heideggeriano e do “Eu-Outro” maffesoliano. Corroborando Vattimo, talvez o relativismo represente hoje o caráter niilista de uma ontologia hermenêutica. E por que não começarmos por Sócrates?

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **A ética de Nicômaco**. São Paulo: Athena Editora - Biblioteca Clássica, vol. XXXIII, 1940.
- BARBOSA DIAS, J. R. . O ser no “sofista” de Platão. **Kalagatos**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 57-75, 2021. DOI: 10.23845/kalagatos.v7i14.5979. Disponível em: <https://revis-tas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/5979>. Acesso em: 26 jan. 2026.
- KAHN, C. **A arte e o pensamento de Heráclito**. São Paulo: Paulus, 2009.

KIRK, G.S *et ali.* **Os filósofos pré-socráticos.** História crítica com seleção de textos. 7^a ed. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

MELO ARAUJO, C. ; SANTOS MENESSES, T. . **CIDADÃO DE BEM: : CONSIDERAÇÕES SOBRE A HONRA EM A DEFESA DE PALAMEDES.** *Polymatheia - Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 13, n. 23, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/5645>. Acesso em: 26 jan. 2026.

MORIN, E. **Mes philosophes.** Paris: Éditions Germina, 2011.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos.** Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. Das Letras, 2006.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates.** São Paulo. Nova Cultural, 1999.

PLATÃO. **Górgias.** Daniel R. N. Lopes tradução, ensaio introdutório e notas. São Paulo, Perspectiva, 2016.

VATTIMO, G. **Éthique de l`interprétation.** Paris: Éditions la Découverte, 1991.